

Níveis de leitura, ideologia política e discurso histórico-crítico na narrativa galega contemporânea. Um caso (in)significante¹

Carlos Alhegue Leira

RESUMO Pártese da análise temática, dos personaxes, etc. da novela *O cervo na torre*, de Darío Xohán Cabana, da que se di que presenta moitas intertextualidades, case dependencias, coas teorías ideolóxico-políticas de X.L. Méndez Ferrín. A posición central deste autor no sistema literario galego e a homoloxía procurada coa obra citada, permítelle a Carlos Alhegue falar dun escaso avance da crítica para mudar unha situación formada por uns lectores con máis preferencias políticas ca literarias. Considera necesario promover a pluralidade no campo literario (creación, escritores, etc.) para que, con esa maior autonomía, non se impida o avance do propio sistema literario galego.

91

ABSTRACT Alhegue Leira analyses Darío Xohán Cabana's novel *O cervo na torre* ('The stag in the tower') in respect of its themes, characters, etc., and perceives many intertextual relationships with, and in some cases almost direct dependence on, the political ideology of X. L. Méndez Ferrín. The latter's central position in the Galician literary world and the similarities noted in Cabana's work lead Carlos Alhegue to conclude that critics have done very little to help change a literary atmosphere in which political ideology is given priority over aesthetics. He considers it necessary to promote a plurality of genres and of writers in order that this greater freedom may favour variety and therefore stimulate growth in the Galician literary system.

O presente trabalho não pretende mais que ser um convite para a reflexão conjunta sobre alguns factores que intervêm no acto da leitura e que têm importância na avaliação da obra literária. O discurso histórico-crítico

¹ O presente texto foi-lhe apresentado ao *BGL* numa primeira versão, que estimamos competente linguística e cientificamente, na normativa galega de máximos reintegracionistas, mas a revista convidou-nos a mudar a ortografia. Uma das opções que nos ofereceu foi esta que agora aceitamos, que

consagrado à narrativa galega contemporânea não deu a estes factores, na sua maior parte e ao nosso ver, a relevância que, como pretendemos demonstrar, têm.

Antecipamos já que este artigo não é um estudo escolástico, o leitor não vai encontrar respostas definitivas na resolução de problemas que todos os estudiosos detectam e para aquelas questões que nós vamos levantar. Partimos com a consciência clara de não sermos objectivos, mas esta convicção não implica qualquer tipo de renúncia: tomamos a objectividade como a direcção em que devemos ir, mas, como destino, é quase impossível aportar a ela, não apenas nós, mas qualquer investigador ou crítico que intervenha sobre qualquer tema, inclusive o que nos vai ocupar. De qualquer modo, isso não quer dizer que outras das muitas vezes que sobre o mesmo ou similar assunto emitiram juízos não tivessem o mesmo referente. É claro que o erro também é uma qualidade humana, e ninguém até agora demonstrou que este não pudesse conviver com a objectividade.

Deve-se tomar em consideração, a respeito da escolha do exemplo ou material de constante referência, o não haver intenção mais afastada de nós que a de elaborar teorias totalizadoras –o qual a maior parte das vezes é sinónimo de simplificadoras– mas precisamente combater, através da análise de casos pontuais, algumas das elaboradas até hoje, precisamente pela sua insuficiência.

92

O cervo na torre: possibilidades de re-inserção pragmática

Darío Xohán Cabana é hoje um escritor consolidado dentro do campo literário galego, no qual se deu a conhecer nos inícios da década de setenta com o livro de poemas *Verbas a un irmao*². Ao longo desses dez anos publicou ainda mais 4 volumes deste género, que continuou a praticar na década seguinte com outros 7 poemários. Mas a sua consolidação definitiva teve lugar no final da década de oitenta com um romance, *Galván en Saor*, galardoado com o prémio Xerais de 1989, que foi muito bem recebido pela crítica e o público. O

nos parece a mais coerente com a nossa vontade primeira. É isso que explica o aparente paradoxo que representa o publicar um artigo sobre tema totalmente galego em português padrão de Portugal. Do nosso ponto de vista, a abertura do BGL ao português –e não a qualquer outra língua– favorece a integração da Galiza num sistema linguístico para o qual a nossa primeira opção não supõe uma agressão.

² Para uma panorâmica geral da obra do autor com uma listagem de títulos e datas até 1994 cf. Dolores Vilavedra Fernández (coord.), *Diccionario da Literatura Galega I. Autores*, Vigo: Galaxia, 1995, pp.93-95.

escritor chairego estreara-se no género narrativo na década de 70 com apenas uma obra, *Memoria dunha aldea* (1973), e ao longo dos 90 continuou com uma série de 7 obras, maioritariamente romances, dentre as quais se podem citar *Cándido Branco e o Cabaleiro Negro* ou *Morte de rei*. Não deixou tampouco de fazer incursões na literatura infantil, área em que conta com 6 obras editadas, alguma delas premiada. Para além de por esta faceta de criador no sentido estrito, também é (re)conhecido o seu labor como tradutor de obras clássicas de Dante e Petrarca (lembre-se que pela tradução da *Vida Nova* recebeu o prémio Ramón Cabanillas dessa disciplina).

Dentre esse *corpus* autoral vamos empregar como objecto de comentário o romance *O cervo na torre*, que também foi galardoado com o prémio Xerais de 1994. A modo de síntese argumental poderíamos dizer que a acção do romance se situa num tempo futuro em que a Galiza forma uma república unida com Portugal; a união ter-se-ia produzido depois de uma catástrofe nuclear que devolveu a sociedade a um estado protoindustrial. A unidade desse espaço fica incompleta porque a cidade da Corunha conserva um regime de cantão e está unida ao território espanhol por uma estrada que segrega do resto do território a metade norte da província de Lugo. O protagonista, chairego como o autor, empreende uma viagem da terra natal para a capital desse novo estado, chamada Grándola Nova, que vai supor uma viagem também ao seu passado, motivada pelo encontro com a outra figura central do romance, Castromao, o velho companheiro de luta política que no tempo da acção é o presidente do partido comunista que governa esta Galiza ficcional. Com posterioridade ao seu encontro, os protagonistas iniciam a viagem para a Corunha à frente do exército que vai cercar a cidade para recuperar a unidade da pátria ideal e o controlo da refinaria dessa cidade, cuja posse suporia a eliminação do último obstáculo para o progresso desse país romanesco.

Interessa-nos neste momento pôr em diálogo essa síntese com alguns contributos teóricos que nos ajudam a ter uma visão mais aprofundada de como o leitor comum enfrenta os textos de ficção. Trata-se especialmente do artigo de Karlheinz Stierle “Was heisst Rezeption bei fiktionalen Texten?”³, ao nosso

³ Karlheinz Stierle, “Was heisst Rezeption bei fiktionalen Texten?”, in *Poetica*, nº 7, 1975, pp. 345-387. As citas a seguir estão tiradas da tradução espanhola: “¿Que significa recepción en los textos de ficción?”, in MAYORAL, J. Antonio (org.), *Estética de la recepción*, Madrid, Arco/Libros, 1987, pp. 87-143.

ver un ensaio fundamental para compreender os níveis em que o leitor enfrenta um texto. Diz-nos o teórico alemão:

En efecto, aunque el texto mismo de la ficción es, en realidad, el campo primario de referencia de sus elementos, sin embargo, este campo de referencia no conduce a un campo ficcional de referencia sin relación con el campo de referencia del lector, sino que remite al campo de referencia que el lector mismo pone en juego⁴.

Esta perspectiva pode-se complementar com a dada por Horst Steinmetz⁵, que fala da recepção literária nos seguintes termos:

O seu objectivo é a produção de um sentido e de uma coerência trans-pragmática. Mas antes de uma coerência ou um sentido se realizarem a este nível, o texto atravessa uma fase de vazio semântico fundamental, que é a consequência da recusa da recepção pragmática. Por causa deste vazio ou indeterminação semântica a recepção pode levar aos resultados mais diversos. Este vácuo pode ser preenchido com significações muito divergentes umas das outras. Cada significação que se retém, a constituição específica da coerência e do sentido são função da situação individual, social e histórica do receptor.

Do nosso ponto de vista, se a indeterminação é preenchida com referência a outros textos, literários ou não, presentes na experiência do leitor, o papel de divergência produzida pela situação individual dele deve-se relativizar, sobretudo se esses textos fazem parte da sua própria tradição literária, e de referentes canónicos dela. Quando Stierle se refere à recepção dos textos do passado e aos mitos, como textos que têm por objectivo explicar uma determinada comunidade, escreve:

Si la ficción es concebida como relevo para la formación de una identidad social, para preformación de una experiencia o, incluso, para la comunicación ideológica, eso quiere decir que su función no consiste en dar respuestas concretas, sino en ser, en cuanto sistema de

⁴ *Ibidem*, p. 131.

⁵ Horst Steinmetz, "Recepção e interpretação" in A. Kibedi Varga., *Teoria da Literatura*, Lisboa: Presença, s./d., p. 156.

pertinencia generalmente reconocido, un punto de orientación para la práctica cotidiana⁶.

Não nos parece errado, mesmo porque não somos os primeiros em fazê-lo⁷, ver no romance de Darío Xohán Cabana um texto desse estilo. Assim, tendo a ver com o processo de relacionamento entre o campo de referência próprio do marco significativo do texto e o da experiência do leitor, o facto de a acção de *O cervo na torre* decorrer num tempo futuro facilita ainda mais que se possam perceber acontecimentos e momentos reais da nossa experiência. Um dos mais claros recolhe-se no seguinte fragmento:

e aquelas lumbreras da esquerda que tanto falaban e en tanto se tiñan... ¡Que corrupción, Castromao! Aquelo non era política, era xogo de salón, merda electoralista, ambición de catro caguiñas que se divertían así, facendo que facían, levando o bon pobo por un camiño a ningures. Polo camiño da renuncia, da claudicación. Valía máis un labrego medio analfabeto nun día de tractorada, polo menos mentres non baixaba do tractor, ca vinte daqueles chaíñas que gobernaban naquela esquerdiña de palleiro, naquela cousichiña doméstica e provinciana que aceptara o desarme ideolóxico e non se atrevía a dicir comunismo, fó demo, nin independencia nin revolución⁸.

95

Pode ver-se com facilidade como neste diálogo entre os dois protagonistas do romance se emite uma opinião sobre o panorama político actual e recente na Galiza. Mas as indefinições, empregando o termo de Ingarden, do texto do romance fazem com que as possibilidades de re-inserção pragmática do texto sejam bastante maiores. Por exemplo a respeito da personagem de Castromao, cuja origem geográfica aparece referida no texto do romance da seguinte maneira:

⁶ K. Stierle, *Op. Cit.*, p.141.

⁷ Para D. Vilavedra "é nesta dirección épico-étnica cara a onde apuntan as últimas novelas de Darío Xohán Cabana, *O cervo na torre e Morte de rei*[...]. Estas entroncan coas novelas gañadoras das primeiras edicións do Blanco Amor [...] que compartían o afán por constituírense en intentos de revisar a nosa historia dende unha perspectiva autóctona, en clave máis mítica ca empírica" (in D. Vilavedra Fernández, "A narrativa galega hoxe", in *Sobre narrativa galega contemporánea*, Vigo, Galaxia, 2000, p. 25). Xoán González-Millán pos em circulación, para esse conjunto de romances ganhadores das primeiras edições do prémio Blanco Amor, o termo "alegoría totalizadora" (in "O texto como espacio de confrontación simbólica na narrativa galega contemporánea", *Silencio, parodia e subversión. Cinco ensaios sobre narrativa galega contemporánea*, Vigo, Xerais, 1991, p. 29).

⁸ Darío Xohán Cabana, *O cervo na torre*, Vigo, Xerais, p. 243.

Aquelas sonvos as partes do Miño e mais do Arnoia, do Faramontaos e mais do Limia, que se erguen nas serras do Xurés, do Laboreiro, de Larouco, de Soaxo e Penas Libres; é o país de San Rosendo e da súa longa raza, o bon país do Castromao –do monte e mais do home–, que a min sempre me pareceu o corazón antigo da nosa patria, o eixe sobre o cal debeu empezar a xirar a roda de nosoutros⁹.

É perfectamente possível que na experiencia do leitor deste texto se encontre também o conteúdo das conversas, publicadas em livro, mantidas por Xosé M. Salgado e Xoán M. Casado¹⁰ com Xosé Luis Méndez Ferrín, que atingiram duas edições num só ano. E dentre todo ele alguns trechos parecem difíceis de não ser ligados ao anterior. Por exemplo, na resposta à primeira pergunta do livro o entrevistado diz:

Ourense é sitio da certeza, da aprendizaxe, da dureza das ideas, do contorno da vida tal cal é; o outro, Vilanova [dos Infantes] é o lugar da fuxida: alí está Castromao¹¹.

96 Mas parece-nos ter ainda mais interesse um fragmento da parte intitulada “O escritor” que reproduzimos a seguir:

O mundo de Vilanova dos Infantes [...], de Celanova e toda a terra que a rodea: unha ampla terra que vai deica o rio Limia e a Santa Comba de Bande. É o territorio que me produce a sensación de se-lo máis antigamente civilizado de Galicia, no sentido de que hai unha supervivencia moi profunda de estados arcaicos da nosa cultura. [...] De maneira que a Galicia de Rosendo, a Galicia de Adosinda é unha Galicia prerrománica¹².

Para uma associação entre a personagem do romance e essa figura conhecida no campo literário, e também no político da Galiza, também contribui a relação de lugares pelos quais transcorre a viagem na segunda parte de *O cervo na torre*, intitulada “Camiño de Casteldouro”, todos presentes na geografia real das províncias de Lugo e Ourense exceptuando o que dá nome a esta parte do roman-

⁹ *Ibidem*, p. 92.

¹⁰ Xosé M. Salgado e Xoán M. Casado, *X.L. Méndez Ferrín*, Barcelona: Sotelo Blanco, 1989 (2).

¹¹ *Ibidem*, p. 13.

¹² *Ibidem*, pp. 255-6.

ce, que não nos parece poder ser outro que Vila Nova dos Infantes. Isto faz com que devamos relativizar o termo “funcionalidade” empregue por Moncha Fuentes na recensão da obra de D.X. Cabana em *A Trabe de Ouro*, em que diz:

Sarria, Monforte, Ourense, Parderrubias..., e agás a de Monforte que bota luz sobre a figura cada vez máis solar de García [...], o resto carece de funcionalidade narrativa e faise excesivamente reiterativo¹³.

O leitor está em disposición de fechar o círculo quando lê o seguinte trecho do relato autobiográfico do protagonista intercalado na primeira parte do romance:

Da súa man entrei a formar parte daquel grupo que sufriu grandes derrotas e traizóns, que se fragmentou e ensumiu baixo a terra en diversos veeiros, que ás veces mesmo non tivo nome e case ficou diluído no inmenso lameiro de resignación que chegou a ser a esquerda de Galicia algúns anos despois, naquela sociedade conformista e corrupta da segunda restauración borbónica. Pero sempre houbo unha fracción que se chamou partido e gardou no seu recóndito corazón colectivo, no corazón dalgúns poucos, o lume sagrado que despois inflamou tanta xente [...]. Porque aquel pequenísimo partido foivos en parte xermolo do que agora dirixe os destinos da nación¹⁴.

Ao longo da obra fica também muito claro o tom encomiástico com que o herói do romance, Fidel Carballo, fala da figura de Castromao. Assim, na página 45 diz-se dele que “non é un home coma os outros”, na página 198 encontramos duas referências nessa mesma linha: “palabras ousadas pra el entre todos eran ditas, pra el, Castromao, a trabe de ouro da patria rebelde, a eterna soá da revolución”, só umas linhas mais adiante formula-se a seguinte interrogante: “¿Pero cantos son fillos do Castromao? Toda a nación é o seu sangue, e o seu pensamento o seu soño”.

As possíveis pontes que o leitor poderá tender na sua recepção do romance de 1994 não se esgotam aí, senão que podem continuar pela via das opiniões políticas do protagonista do romance e as expostas pelo entrevistado por

¹³ Moncha Fuentes, “Darío Xohán Cabana: O cervo na torre”, in *A trabe de ouro*, nº 22, Abril, Maio, Xuño, 1995, p.124.

¹⁴ D.X Cabana, *Op. Cit*, p. 90.

Salgado e Casado. Por exemplo é interessante reparar no paralelismo entre o primeiro fragmento de *O Cervo na torre* citado acima e o seguinte fragmento do referido livro de conversas:

E a partir dese momento, entenderon [o Comité Central da UPG, 1977] que había que integrarse no sistema, participar nas eleccións, en suma, obrar da mesma forma que os outros partidos políticos que aceptaban a “Reforma política”, pero sen renunciar a unha verborrea de carácter aparentemente maximalista, na que se borrou a palabra “independencia” e se inventa outra: “soberanía”, que serve para todo¹⁵.

Um outro aspecto nos parece fazer parte desta estratégia, que mais do que intertextual poderíamos chamar de dependência discursiva, é a personagem do caudillo da cidade da Corunha, não apenas um antagonista, mas um traidor, Ramón Amado, cujas reminiscências ao protagonista do conto “Odiado Amado” de X.L. Méndez Ferrín, passam a ser mais do que simples ecos quando na página 365 o narrador se refere à Corunha como “o escuro reino de Ramón Odiado”, empregando o mesmo jogo utilizado ao longo de todo o conto inserido em *Crónica de Nós*¹⁶. De qualquer modo, mais outro círculo se fecha quando o leitor descobre no romance que Ramón Amado é filho de Castromao, fruto de uma relação incestuosa:

Díxomo a min, a zorra, a cadela, toda feliz. Foi a Vigo o vinteseis de febreiro, cando xa se sabía o das listas negras, tan só pra dicirmo. Velaí tes o fillo que ti me fixeches, irmanciño. Foi o teu fillo quen fixo a relación completa de vosoutros, porque estaba na trama civil, e ben sentiu que non vos claudicasen a todos. [...] Aquele que estivera entre nós como unha serpente, aquele que nos quixo ver a todos mortos polos golphistas, aquela alimacha criptofoeixa...¹⁷

No seu estudo sobre a obra literária de Méndez Ferrín¹⁸, Manuel Amor dedica um ítem ao traidor e refere-se do seguinte modo ao tratamento que recebe na obra do escritor ourensano:

¹⁵ X.M. Salgado e X.M. Casado, *Op. Cit.*, p. 170.

¹⁶ X.L. Méndez Ferrín, *Crónica de Nós*, Vigo: Xerais, 1992 (4).

¹⁷ X.M. Salgado e X. M. Casado, *Op. Cit.*, p. 262.

¹⁸ Manuel Amor Couto, “A obra de Xosé Luís Méndez Ferrín”, in *Historia da Literatura Galega*, vol 5, Vigo: A Nosa Terra-AS-PG, pp. 1473-1504.

O traidor parece encarnar aquí as propias forzas escuras que aniñan no heroi, non sendo traidor e heroi quizais máis do que as dúas caras dunha mesma moeda¹⁹.

Um pouco mais adiante, na mesma páxina, aprofunda sobre o mesmo asunto nos seguintes termos:

Entre heroi e traidor existen puntos en común: en definitiva, o traidor sería un revolucionario posto ao servizo da reacción ou dos seus intereses persoais. Coa figura do inimigo non hai posibles conexións: supón a presenza do mal, e está encarnado en moitos relatos na figura dos paramilitares falanxistas...

Tendo em conta tudo o anterior, e também que a acción do romance de que nos vimos ocupando decorre num tempo futuro, o que faz com que o pasado do romance e o presente do leitor confluem, *O cervo na torre* vai ser lido como um –empregando termos de Stierle– ponto de orientação na praxe quotidiana. A obra de 1994 converte-se, pois na sua re-inserção pragmática descobrimos persoas e grupos políticos –aos quais pertence o próprio autor da obra– presentes na realidade diária da maior parte dos lectores, numa tomada de posición no campo político, e não mais numa obra que obedeça apenas às regras do campo literário. Por outras palabras, numa obra de arte heterónoma²⁰.

99

A literatura política, a sua posición no campo literário e o discurso histórico-crítico na Galiza

Há alguns anos, o professor Carlos P. Martínez Pereiro, num trabalho sobre o futuro do género em que a obra a que nos referimos até agora se insere, e falando do mesmo período (crono)lógico, dizia:

O “desconcerto”, a falta de “radicalismo” e a asunción da tutela protectora do poder instituído fan da nosa narrativa un produto

¹⁹ *Ibidem*, p.1492.

²⁰ Tanto no uso do concepto “campo literário”, quanto no do par “autonomia-heteronomia”, seguimos as perspectivas de análise expostas por Pierre Bourdieu nomeadamente em “Le champ littéraire”, in *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 89, septembre 1991, pp. 3-46. Para a noção de heteronomia principalmente *vid.* pp. 6-9.

globalmente estancado que promove un *quietismo* estéril ao equiparar o 'mundo existente' ao 'mellor dos mundos posibles'²¹.

Reparava assim o professor da Universidade da Corunha numa fonte de heteronomia para a produción literária, e narrativa em particular, galega. Mas em vista dos aspectos em que levamos reparado até agora parece não ser essa uma fonte única, e é que do campo do poder –espaço com o qual o campo literário mantém relações– não faz parte apenas um poder político onipresente, mas também “unha fracción que se chamou partido” pode submeter às suas regras a obra de arte.

O leitor poderia argumentar que se trate de um fenómeno marginal, mas o que foi comentado acima sobre a trajectória do autor no campo dá para perceber que não é precisamente o da marginalidade o espaço em que nos estamos a mover. Além disso, o livro é ganhador do prémio literário convocado por uma das editoras mais prestigiosas, o qual pode dar ideia de que mesmo é uma proposta bem acolhida da parte de alguma das instituições literárias. Um dos estudiosos dessa área do campo, González-Millán, referia-se ao papel deste prémio e às suas características do seguinte modo:

A presenza [no júri] deste tipo de lector [não profesional] aportaba, dende o punto de vista editorial, novas e abertas perspectivas na valoración dos manuscritos concursantes. O perfil destes novos protagonistas correspondíase coa seguinte descrición [feita em 7/11/1992 num suplemento dedicado a este certame no jornal *La Región*]: “lectores inocentes, ás veces anónimos, non necesariamente coñecidos, pero que nos consta que aman a literatura e están ao día de todo canto acontece ou se presenta”²².

Quanto ao júri da edição de 1994, na página 4 da edição do romance informa-se sobre os membros que o compunham, foram: Celestino Rodríguez Cabana (livreiro), Daniel Romero Rodríguez (técnico cultural do Concelho de Fene), Xulia Díaz Sisto (jornalista), José Antonio Ponte Far (crítico literário e

²¹ C. P. Martínez Pereiro, “Predición e Proxección da Narrativa Galega Actual”, in *Hospital das Letras. In(ter)venções e ensaios literarios*, A Coruña: Espiral Maior, 1997, p. 100.

²² X. González Millán, *Literatura e sociedade en Galicia (1975-1990)*, Vigo: Xerais, 1994, p. 114.

professor) e Xaime Quintanilla Ulla (médico)²³; curiosamente, como secretário actuou X.L. Méndez Ferrín, com voz mas sem voto. A presença deste último, apesar deste regime especial quanto ao voto, deita sobre esta edição do prémio uma sombra de dúvida.

É curioso notar como a manifesta dependência política de uma obra premiada como esta não se adapta com facilidade às conclusões de algum dos estudos que sobre os períodos mais recentes da história da nossa literatura se fizeram. Assim, González-Millán, falando do período 1975-1990, no qual o romance a que nos referimos não entraria pela data de edição mas que achamos ser válido porque não se produziu nenhuma mudança nem acontecimento definitivo no contexto social, observa:

un lento distanciamento do discurso literario con respecto a determinadas esixencias de posicionamento ideolóxico, xunto co abandono de determinadas funcións e a incorporación doutras novas, como consecuencia dunha mellor articulación do discurso político canalizado a través dos partidos e dos movementos sociais²⁴.

Do nosso ponto de vista, a possibilidade de veiculação do discurso político através dos partidos é, sem dúvida, importante; mas cremos que um olhar demorado sobre a história política do período escolhido por González-Millán como baliza acabará por relativizar a importância da implantação do regime político que desde então até hoje está instaurado no Estado Espanhol. Deveríamos lembrar que a maioria de partidos galegos que veiculavam esse discurso não estava de acordo com o marco político proposto durante a transição (Constituição-Estatuto). Esse desacordo manifestou-se em diferentes graus mas sempre –mesmo depois da implantação do Estatuto de Autonomia e de se celebrarem as primeiras eleições ao Parlamento Galego– existiu um rejeitamento do regime proposto pelos agentes sociais da chamada transição. Naquela altura a maioria de forças era partidária da chamada “ruptura democrática” e, até bem entrada a década de oitenta, esse marco não foi aceite pelo partido de âmbito galego que recolhia o maior acerbo de militantes da etapa política anterior²⁵. Ainda hoje há partidos que não o aceitam, nem que seja

²³ As informações sobre as profissões de todos eles estão tiradas da crónica do acto de entrega dos prémios Xerais e Merlin feita pelo jornal *La Voz de Galicia* (6/11/1994).

²⁴ *Ibidem*, p. 25.

²⁵ Uma visão ao pormenor deste processo é dada, desde o ponto de vista da história, em Justo G. Beramendi e X.M. Núñez Seixas, *O nacionalismo galego*, Vigo: A Nosa Terra, 1995, pp. 243, 262, 271 e 278-281.

–em palabras de Beramendi e Núñez Seixas– uma “acceptación estratéxica tácita”²⁶. Do grupo político que mais resistiu –e resiste– contra esse regime faz parte o autor do romance a que nos estamos a referir, como também a ele pertence a personagem continuamente referenciada nos fragmentos que nós salientamos da obra. Interessa também reparar em que essa figura ocupa, sem discussão, um “lugar central” no campo literário galego, facto que não se pode dever ao acaso, mas só ao consenso de grande parte dos agentes participantes no campo. No período que iria de 1975 até hoje esse autor deu a lume múltiplos volumes de narrativa ou poesia em que é claramente perceptível a fusão do conteúdo político dentro do texto literário. Como exemplos citemos apenas *Con pólvora e magnolias*, *Poesía enteira de Heriberto Bens*, *Crónica de Nós* ou, coevo do romance que nos ocupa(va), *Estirpe*. Lembre-se também que em 1989, data próxima do fim do período escolhido por González-Millán, este escritor declarava:

Dende que empecei a escribir literariamente [...], eu xa empecei a escribir en galego e en función que a literatura é unha parte da liberación nacional de Galicia²⁷.

102 Cremos que uma atribuição à literatura desta função nacional deve estar muito bem assimilada por esses agentes do campo e pelo público em geral para que este autor continue, sem abalar, no centro desse campo. Por outras palavras, esse tipo de literatura deve fazer parte do *habitus* do leitor médio e ser por ele positivamente valorizada. Esta afirmação volta a contradizer o que, a respeito da relação entre crítica literária e revistas, di González-Millán:

Non pode falarse tampouco de escolas ou tendencias literarias perfectamente delimitadas e efectivas como axencias institucionais; en parte porque o escritor galego é consciente de que traballa nun sistema literario deficitario no que a función das tradicións a penas conta como principio de organización discursiva. O novo escritor galego, que se dá a coñecer na década dos 80, sente unha maior tentación por abrir novos espacios en cada un dos xéneros e por distanciarse dun pasado literario²⁸.

²⁶ *Ibidem*, p. 263.

²⁷ X.M. Salgado e X.M. Casado, *Op. cit.*, pp. 197-8.

²⁸ X. González Millán, *Op. Cit.*, p. 48.

Dando um passo para frente, Dolores Vilavedra não nega a existência de tendências estéticas no campo, simplesmente aplica qualificativos, e para se referir àquela da que faria parte o autor de *O cervo na torre* emprega as seguintes palavras:

Con todo, perviven propostas conscientemente endogámicas que, quizais polo seu carácter autorreferencial, ven coutadas as súas posibilidades de proxección cara a outros espacios literarios; o caso máis rechamante e paradigmático sería o da obra de Darío Xohán Cabana²⁹.

É curioso notar a coincidência terminológica que se aprecia entre o fragmento anterior e outro do mesmo volume em que a autora se refere ao seu papel como crítico literário:

moitos non estamos dispostos (eu, polo menos, non o estou) a deixarnos arrastrar pola vertixe colectiva da autolexitimación, a participar na gran orxía da endogamia nacional³⁰.

Numa reflexión do mesmo género González-Millán afirmava:

Non pretendín tampouco lexitimar os acertos o desacertos deste traballo co recurso, hoxe insuficiente e inxustificable, ao “compromiso”

²⁹ D. Vilavedra Fernández, “O discurso metaliterario galego nos 80 e nos 90”, in *Op. cit.*, p. 34.

³⁰ D. Vilavedra Fernández, “Literatura e crítica”, in *Op. cit.*, p. 130. Seja como for, a origem deste termo tão produtivo remonta-se a um comentário desta mesma autora sobre o romance *Fortunato de Trasmundi* (1991) de D.X. Cabana. Naquele texto esta profesora advertia o leitor: “se hoxe centramos a nosa atención en *Fortunato de Trasmundi* non é para salientarmos as súas virtudes literarias, senón porque a novela de Cabana é [...] a culminación dun proceso de endogamia intensificado [...] na nosa narrativa”. Esta crítica literaria desenvolvía o seu raciocínio —e desculpe-se-nos a longitude da cita, mas achamo-la muito significativa da atitude de alguma crítica a respeito de certas características do campo literário galego que, aliás, constatava acertadamente— nos seguintes termos: “a hiperintertextualidade (ou sexa, o abuso de alusións ás veces non explícitas e das que o lector ten que adiviñar o referente) configura un modelo de lector ó que se lle supoñen competencias abundas para entrar no xogo de recoñecementos que o autor lle propón e para aproveitar ó cento por cento as posibilidades irónicas que o texto ofrece. A frecuencia con que aparecen escritores e personaxes literarios é un novo exemplo de mitoloxización cultural e fetichismo filolóxico, males endémicos do país, amais de supor un paso máis na construción dun lector idealizado en tanto que posuidor de competencias que a meirande parte dos potenciais receptores da literatura galega non teñen ou non terían, de non pertencer a unha minoría ilustrada.

“A consecuencia máis directa de todo isto é que se continúa a escribir dende o grupo e para o grupo, sintoma de que a lectura segue a ser unha práctica militante, non apta para tódolos públicos. Às veces, parece que os nosos autores se atopan a gusto no gueto que [sic] aínda vida na nosa literatura” [o sublinhado é noso], in D. Vilavedra Fernández, “A culminación da endogamia”, *Revista das letras, El Correo Gallego*, 1/03/1991.

coa realidade galega. Moitos presupostos ideolóxicos que alimentaron nos anos do silencio e da represión unha actitude de resistencia perderon o máis da súa eficacia e dificilmente poden intervir hoxe como instrumento de coñecemento³¹.

Como lectores deste tipo de crítica, que acumula hoje múltiples espazos do campo e tende a complementar-se mutuamente, percebemos claramente a existéncia de um referente claro de oposición, crítico e estético, com a mesma claridade que se percebem as propostas para serem seguidas³².

Seja como for, esta autora não oculta os seus objectivos no exercicio da crítica, pois reclama que entre eles está “fazer” a literatura, e como principais meios tem o “xerarquizar, lexitimar e divulgar determinadas prácticas literarias fronte a outras” de um modo que “nunca vai ser neutral”³³. De qualquer modo parece, no mínimo, contraditória esta afirmação com outra emitida na mesma obra um pouco mais adiante:

a miúdo se quiere converter os críticos en cómplices dunha serie de estratexias comerciais, políticas ou ideolóxicas nas que moitos nos resistimos a participar³⁴.

A autora não deixa em nenhum momento transparecer quais são os critérios seguidos nesse processo de canonização e, tampouco, se estão livres de qualquer conotação política. As contínuas referências ao modelo negativo podem-nos servir como indício para sair de dúvidas.

Para compreender ainda mais aspectos do que supõe o exercicio da crítica no campo literário galego é interessante irmos ver o que as duas revistas

³¹ X. González-Millán, *Op. cit.*, p. 201.

³² Por exemplo quando D. Vilavedra afirma “[o autodiálogo] revélase en *Polaroid* como uma das estratexias polifónicas contemporáneas máis axeitadas para semiotizar no plano enunciativo a *dispersión axiolóxica* e o *individualismo que caracterizan a sociedade galega contemporánea*, ós que compre ir procurando procedementos de representación discursiva”.

“Nada foi igual na narrativa galega dende a publicación de *Polaroid*. E non o foi porque este é, dos textos publicados nos últimos anos, o que asume dun xeito máis radical a *desorientación etnolóxica da Galicia contemporánea*”, in D. Vilavedra Fernández, “De *Maxina* a *Polaroid*. Polifonia e variabilidade diacrónica dos emisores inmanentes na novela galega”, *op. cit.*, p. 92. [o sublinhado é noso].

³³ In “Narrativa, crítica e discurso social: breve crónica dunha experiencia”, *ibidem*, p. 119.

³⁴ In “Literatura e crítica”, *ibidem*, p. 131.

literárias mais importantes na Galiza diziam de *O cervo na torre* no momento da sua publicação. De uma parte, Moncha Fuentes em *A trabe de ouro* qualificava a obra de D.X. Cabana como “a novela máis ousada que ten aparecido no panorama literario galego dos últimos tempos”³⁵; acha que “Moitas das páxinas de “Grándola Nova” remítennos ao mellor da literatura existencialista”³⁶ e encontra no romance “algunhas das máis brillantes páxinas de literatura militar que eu teña lido”³⁷; finalmente vaticina que “Pasará o tempo, e a novela de Darío Xohán Cabana será un punto de referencia obrigado na nosa literatura”³⁸.

Entretanto, Xesús González Gómez, no seu comentário do romance de 1994 para a revista *Grial*, escribe que “infinidade de obras supostamente literarias [...] non son máis que discursos explícitos dun autor que deita verdades abstractas das que se sente depositario... e difusor. Estas obras, que son lexión, adoitan ter pouco a ver coa literatura. Tal acontece coa última novela de Darío Xohán Cabana”³⁹. Este crítico qualifica o romance de “paradigma do *kitsch* político”⁴⁰ e não hesita na hora de comentar o fundo ideológico dele, que acha ser “lugar privilexiado dun perigoso retorno a arcaísmos ideolóxicos e de irracionalismos políticos que sempre teñen un uso ambiguo”⁴¹. Aponta ainda sobre as noções vertidas na obra que “desenvolvidas de maneira tan inxenua que non superan o nivel de charlas de casino. Pero nocións que desenvolven ideas das que non se pode esquecer a súa profunda natureza anti-progresista, anti-demócrata, anti-pluralista”⁴². Ainda na mesma linha, o crítico afirma que a obra comentada “Nega a liberdade e reproduce o discurso estalinista do social-fascismo”⁴³. Resulta difícil acreditar que dois críticos que empregam termos que constituem tese e antítese estejam a falar da mesma obra. Mesmo que um parta de uma praxe ideológica como a do galeguismo bem entendido e o outro de convicções políticas mais rígidas, que curiosamente não transparecem explicitamente na recensão.

³⁵ M. Fuentes, *art. Cit*, p.123.

³⁶ *Ibidem*, p. 124.

³⁷ *Ibidem*, p. 124.

³⁸ *Ibidem*, p. 125.

³⁹ X. González Gómez, “Un apólogo en proxección”, in *Grial*, nº126, Abril, Maio, Xuño, 1995, p. 289.

⁴⁰ *Ibidem*, p.290.

⁴¹ *Ibidem*, p. 290.

⁴² *Ibidem*, p. 290

⁴³ *Ibidem*, p. 291.

Tudo o que levamos visto até agora aponta mais para a existência de duas –ou mais– correntes estéticas no campo que lutam por impor os seus critérios estéticos. Estas opiniões sobre o romance de D.X. Cabana não seriam pois mais que manifestações daquilo que, em palavras de E.H. Gombrich, constitui uma questão polémica polarizadora⁴⁴. Não é, pois, mais do que um sintoma de bipolaridade –se se achar muito arriscado o termo pluralidade– no campo literário galego, o qual de por si não supõe mais que a manifestação do funcionamento das regras dele.

Conclusões

Com estes antecedentes, a omissão da existência da outra, por não falarmos do seu mérito estético, a que tende, em muitos dos casos, uma das correntes actuantes no campo implica um empobrecimento das suas visões, que faz delas, como acabamos de ver, instrumentos teóricos falíveis. Do nosso ponto de vista, deveria ter-se em conta que o público leitor –principal suporte de toda a literatura, marginal ou não–, segue, no caso galego, inserido numa dinâmica de acesso ao texto literário em que o político joga um papel importante, e lê deste jeito porque assim foi educado o seu gosto, mesmo no sistema educativo, durante muitos anos. Isso não constitui nenhuma novidade para o estudioso do campo literário galego, o que, como vimos de ver, parece comportar uma dificuldade maior para os estudiosos é que se sigam a produzir obras literárias concebidas para ser lidas desse modo.

Ainda para além de tudo isso, nos últimos inquéritos sociolingüísticos segue a patentizar-se um decréscimo do número de falantes habituais em galego⁴⁵, o qual converte o acto da leitura em galego num exercício caracterizado por um alto nível de consciência, muitas vezes sustentado por uma ideologia política. Isso não implica que todos os leitores galegos encontrem no político um mérito estético –o qual também se dá– na hora de analisar uma obra não só literária mas artística em geral, nem que não se esteja a substituir “*progresivamente o ‘lector militante’ polo ‘lector selectivo’ e, en consecuencia, o ‘sacrificio’ vai*

⁴⁴ Ernst H. Gombrich, “La lógica en la “feria de las vanidades”. Alternativas al historicismo en el estudio de las modas, del estilo y del gusto”, in *Tras la historia de la cultura*, Barcelona: Ariel, 1977, p.183.

⁴⁵ Cf. M.A. Fernández Rodríguez e M.A. Rodríguez Neira (coors.), *Usos lingüísticos en Galicia*, Corunha: Seminario de Sociolingüística. Real Academia Galega, 1995.

sendo apagado polo 'pracer' no acto de lectura" como afirmou C.P. Martínez Pereiro, que já era consciente que "tal substitución avanza moi lentamente polas resistencias producidas por unha percepción distorcida da realidade estética dos produtos narrativos galegos"⁴⁶.

Gostaríamos, nesta parte final, de trazer à cena umas palavras escritas há já uns anos pelo mesmo professor que vimos de citar mas que conservam ainda a sua vigência, o qual dá uma ideia do pouco avanço produzido desde então no domínio da crítica e a história literária:

é preciso recuperar a lucidez suficiente para adquirir a plena consciencia de que continuamos a nos mover nunha cultura de resistencia, dentro da cal a literatura estivo, está e, seguramente, estará dotada dun valor emblemático cada vez maior en canto continúe a ter que asumirse a si propia como fenomenoloxía intelectual que ha suprir moitas carencias do espacio sociocultural galego. Teño para min que, a partir das nosas orixes literarias próximas no Rexurdimento, a esencia do intelectual, isto é do escritor, galego, veu sendo dun lado literaria e do outro histórico-ideolóxica. Simplificar esa duplicidade hoxe supón partir da irrealidade de considerármonos partícipes dunha 'literatura normal' e sublimar [...] o feito de o seu soporte básico fundamental, a lingua, continuar a padecer un grao de anormalidade facilmente mensurábel na súa negatividade.⁴⁷

107

Como conclusão final quereríamos apontar que a reflexión histórico-crítica sobre toda a literatura galega, e sobre a contemporánea em particular, deveria abandonar questões infrutuosas como a maioria de idade do leitor e dirigir-se já para atingir ela própria a madurez, precisamente através da assunção de uma pluralidade de tendências que diariamente se manifesta no campo literário e artístico em geral e que, como vimos de ver, não transcende aos estudos mais que pela via da omissão. Deveríamos tornar em território libertado das lutas internas do campo da história e da crítica literárias e chegaríamos, se isso se conseguir, a uma teoria duradoura que não simplificasse uma realidade, como se pode apreciar, aparentemente simples mas no

⁴⁶ C. P. Martínez Pereiro, *Op. Cit.* P. 106.

⁴⁷ *Ibidem*, p.101.

fundo bastante mais complexa do que se pensa. Um instrumento teórico com essas características constituiria um avanço verdadeiro para a normalidade que todos desejamos.

Carlos Albeque Leira
Universidade de Santiago de Compostela